

EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE SOB O MODELO BIOPSISSOCIAL: OPORTUNIDADES DE APRENDIZAGEM NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

SEXUALITY EDUCATION UNDER THE BIOPSYCHOSOCIAL MODEL: LEARNING OPPORTUNITIES IN THE 8TH GRADE OF ELEMENTARY SCHOOL

EDUCACIÓN EN SEXUALIDAD BAJO EL MODELO BIOPSISSOCIAL: OPORTUNIDADES DE APRENDIZAJE EN EL 8º GRADO DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA

Sasha Luísa de Azevedo Nunes

sashaluisa@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-2509-761X>
Universidade Federal de Minas Gerais

Luan Henrique Alves

luanhenri.alves@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1201-0658>
Universidade Federal de Ouro Preto

Luiz Gustavo Franco

luizgfs@ufmg.br
<https://orcid.org/0000-0002-1009-7788>
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

A educação em sexualidade desempenha um papel fundamental na formação de estudantes. Contudo, há uma predominância de abordagens fundamentadas no modelo biológico-centrado da sexualidade. Em contraponto a esse modelo, a abordagem biopsicossocial incorpora aspectos sociais, emocionais e culturais da sexualidade, permitindo uma aprendizagem conectada à realidade e às vivências de estudantes. Neste estudo, analisamos percepções iniciais de estudantes sobre sexualidade e o seu envolvimento em oportunidades de aprendizagem que uma proposta de ensino baseada na abordagem biopsicossocial lhes proporcionou. Para tal, analisamos uma sequência didática, desenvolvida em uma escola pública estadual do estado de Minas Gerais durante as aulas de Ciências em quatro turmas do 8º ano do Ensino Fundamental. Os dados foram coletados por meio de observação participante das aulas, com anotações em caderno de campo, gravação em áudio, bem como a coleta das atividades realizadas pelos estudantes. Os resultados indicam percepções de sexualidade como fenômeno orientado por aspectos biológicos e majoritariamente vinculado ao ato sexual. Eventos identificados ao longo das aulas apontaram mudanças nessas percepções que configuraram oportunidades de aprendizagem relacionadas ao autodescobrimento; à compreensão e respeito ao outro; à busca ativa por conhecimento sobre sexualidade; além do reconhecimento e mudança de comportamentos considerados discriminatórios pelos estudantes. Indicamos como a mediação da professora ao longo da sequência foi relevante para a ampliação das percepções dos estudantes e discutimos implicações para uma prática pedagógica vinculada à abordagem biopsicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: modelo biopsicossocial; oportunidades de aprendizagem; educação em sexualidade.

ABSTRACT

Sexuality education plays a fundamental role in shaping students. However, there is a predominance of approaches rooted in the biologically-centered model of sexuality. In contrast to this model, the biopsychosocial approach incorporates social, emotional, and cultural aspects of sexuality, allowing for learning connected to the realities and experiences of students. In this study, we analyzed students' initial perceptions of sexuality and their engagement with learning opportunities provided by a teaching proposal based on the biopsychosocial approach. For this purpose, we examined a didactic sequence developed in a public state school in Minas Gerais during Science classes in four 8th-grade classes of middle school. Data were collected through participant observation of the classes, with field notebook annotations, audio recordings, and the collection of activities completed by the students. The results indicate perceptions of sexuality as a phenomenon guided by biological aspects and predominantly linked to the sexual act. Events identified during the classes pointed to changes in these perceptions, which shaped learning opportunities related to self-discovery, understanding and respecting others, active pursuit of knowledge about sexuality, and the recognition and change of behaviors considered discriminatory by the students. We highlight how the teacher's mediation throughout the sequence was crucial for broadening students' perceptions and discuss the implications for a pedagogical practice aligned with the biopsychosocial approach.

KEYWORDS: biopsychosocial model; learning opportunities; sexuality education.

RESUMEN

La educación en sexualidad desempeña un papel fundamental en la formación de los estudiantes. Sin embargo, predomina un enfoque basado en el modelo biológico-centrado de la sexualidad. En contraposición a este modelo, el enfoque

biopsicosocial incorpora aspectos sociales, emocionales y culturales de la sexualidad, permitiendo un aprendizaje conectado a la realidad y a las vivencias de los estudiantes. En este estudio, analizamos las percepciones iniciales de los estudiantes sobre la sexualidad y su participación en las oportunidades de aprendizaje que una propuesta de enseñanza basada en el enfoque biopsicosocial les proporcionó. Para ello, analizamos una secuencia didáctica desarrollada en una escuela pública estatal del estado de Minas Gerais durante las clases de Ciencias en cuatro grupos de 8º grado de la Enseñanza Fundamental. Los datos se recopilaron mediante la observación participante de las clases, con anotaciones en un cuaderno de campo, grabaciones de audio y la recopilación de las actividades realizadas por los estudiantes. Los resultados indican percepciones de la sexualidad como un fenómeno orientado por aspectos biológicos y mayoritariamente vinculado al acto sexual. Los eventos identificados a lo largo de las clases señalaron cambios en estas percepciones, que configuraron oportunidades de aprendizaje relacionadas con el autodescubrimiento, la comprensión y el respeto por los demás, la búsqueda activa de conocimiento sobre la sexualidad, además del reconocimiento y cambio de comportamientos considerados discriminatorios por los estudiantes. Destacamos cómo la mediación de la profesora a lo largo de la secuencia fue relevante para ampliar las percepciones de los estudiantes y discutimos las implicaciones para una práctica pedagógica vinculada al enfoque biopsicosocial.

PALABRAS CLAVE: *modelo biopsicosocial; oportunidades de aprendizaje; educación en sexualidad.*

INTRODUÇÃO

A sexualidade compreende relações entre diferentes dimensões da vida humana, incluindo o corpo, a identidade, a cultura e a vida social. Lidar com tais questões em um ambiente que permita o diálogo é central para uma vivência saudável. A escola desempenha um papel ímpar nesse aspecto, servindo como um espaço de aprendizagem, socialização e experiência para crianças e adolescentes. Além disso, é na escola que os estudantes passam grande parte de sua adolescência, fase da vida em que, devido às mudanças que ocorrem em seus corpos e mentes, começam a explorar de forma mais intensa os aspectos da sexualidade (Brêtas, 2003; Schoen-Ferreira; Aznar-Farias, 2010).

Na legislação brasileira, a adolescência é definida como o período entre 12 e 18 anos de idade (Brasil, 2007), o que coincide com os anos finais do ensino fundamental do ensino médio na escola. O papel do professor em auxiliar os estudantes a se compreenderem durante essas mudanças é fundamental, especialmente porque a sexualidade é frequentemente mal compreendida e considerada como tabu em muitos dos espaços sociais que esses sujeitos transitam (Costa *et al.*, 2014; Nery *et al.*, 2015). Em relação ao currículo educacional, tanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quanto o Currículo Referência de Minas Gerais direcionam a sexualidade como conteúdo para os anos finais do ensino fundamental (Brasil, 2017; Minas Gerais, 2019). No entanto, esses documentos não oferecem orientações claras sobre como a temática deve ser abordada em sala de aula, deixando a cargo da equipe pedagógica e corpo docente o desenvolvimento de abordagens que consideram adequadas para tratar da sexualidade com os estudantes.

Apesar da sexualidade ser considerada um tema transversal e, como tal, podendo ser trabalhada por professores de qualquer área do conhecimento, geralmente as iniciativas relacionadas a essa temática são realizadas por professores das disciplinas de Ciências e Biologia (Moizés; Bueno, 2010). Sendo mais comum que esse tema seja explorado no ensino médio, com a maioria de sequências didáticas ou projetos voltados para esse público (Queiroz; Almeida, 2017; Santos; Sandrini, 2019).

O interesse dos estudantes e os problemas sociais e de saúde pública em decorrência da prática de uma educação em sexualidade pouco efetiva, tais como a gravidez recorrente de alunas entre 12 e 15 anos e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) nessa mesma faixa etária, reiteram a necessidade dessa discussão. Apesar da relevância social de tais situações, muitos estudos demonstram que as aulas sobre sexualidade que dão enfoque apenas em prevenir a gravidez e as IST, sem considerar os entrelaçamentos com as dimensões social, emocional e identitária são pouco efetivas (Jardim; Brêtas, 2006; Madureira, 2007; Santiago; Santos, 2008).

No presente trabalho, buscamos contribuir com a aprendizagem dos estudantes sobre a educação em sexualidade por meio de um estudo com estudantes de turmas do 8º ano do Ensino

Fundamental, tendo em vista a relevância da sexualidade nesse momento da escolarização (Jardim; Brêtas, 2006). Diante dessa dificuldade de ir além dos aspectos biológicos, o presente estudo analisa uma sequência de aulas que busca englobar aspectos socioemocionais e identitários, considerando o diálogo e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Assim como propõe Figueiró (2006, 2009), as aulas desenvolvidas, e que analisamos, foram pautadas em uma educação em sexualidade que viabiliza espaços de participação e de compartilhamento de ideias, que não consideram apenas uma abordagem médica ou "biologizante".

Com o desenvolvimento de uma sequência didática orientada por aspectos biopsicossociais (Vieira; Matsukura, 2017), buscamos responder às seguintes questões de pesquisa: (i) Quais as percepções iniciais dos estudantes sobre sexualidade nas turmas acompanhadas? e (ii) Que oportunidades de aprendizagem foram geradas a partir de atividades baseadas em um enfoque biopsicossocial da Educação em Sexualidade?

UMA PERSPECTIVA BIOPSISSOCIAL DA EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE

O presente estudo fundamenta-se nos referenciais teóricos da sexualidade e da educação em sexualidade. A sexualidade envolve muito mais do que apenas sexo, como geralmente imaginado, inicialmente, pela semântica da palavra. O sexo seria um termo mais restrito, relacionado ao ato sexual e a busca por prazer comum a todos nós desde que nascemos (Figueiró, 2006). Já a sexualidade inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual (Figueiró, 2006, p. 2).

Segundo Vargas-Trujillo (2007), a sexualidade engloba a identidade, a biologia, as preferências, os aspectos sociais, culturais e históricos, sendo classificada em três pilares, citando-os, o sexo biológico, o gênero e a orientação sexual. Essa divisão contribui para uma percepção mais ampla do conceito, muitas vezes limitada ao ato sexual. Em síntese, o sexo biológico está ligado às características físicas e corporais; o gênero reflete o papel cultural que desempenhamos, dependendo da história e do contexto local; e a orientação sexual diz respeito às preferências e à atração por outras pessoas.

A educação em sexualidade constitui o processo pelo qual uma pessoa aprende sobre suas peculiaridades, faz descobertas sobre si mesma, desenvolve percepções em relação aos outros e se relaciona com o mundo ao seu redor. O ensino desse tema perpassa as experiências que começam no ambiente familiar e tem uma grande influência das instituições de ensino. Na escola, os estudantes são impactados pelos seus pares e pelos professores, em um ambiente dialógico e plural que desempenha um papel crucial na construção de suas visões e compreensão holística da sexualidade (Figueiró, 2006).

Na escola, a educação em sexualidade ainda é um assunto delicado e muitas vezes tratado como um tabu. Apesar de ser um tema essencial, muitos professores se sentem inseguros e despreparados para abordá-lo devido a carências formativas, que poderiam ser sanadas com incentivo à formação continuada (Figueiró, 2006; Moreira *et al.*, 2011). Essa falta de conhecimento pode resultar em um ensino que restringe e priva os estudantes de uma compreensão mais ampla e saudável sobre o tema (Santana, 2014), de uma educação em sexualidade aberta e inclusiva que evite a perpetuação de estereótipos, de preconceitos e de concepções equivocadas.

Para possibilitar uma educação em sexualidade plena e libertadora dos preconceitos existentes, Figueiró (2006) pontua que há várias estratégias disponíveis, desde que se observe alguns princípios, como: não se restringir à Biologia e à Fisiologia ao ensinar; proporcionar oportunidades para expressão de sentimentos, dúvidas e reflexões; cultivar a escuta atenta aos estudantes; promover o protagonismo dos estudantes, fomentando espaço para que expressem

suas opiniões e ouçam as dos demais; e, por último, entender que o papel do professor não está apenas na transmissão de conhecimento, mas também na criação de ambientes propícios para o diálogo e aprendizagem. Em termos das estratégias pedagógicas, Figueiró (2006) aponta o uso de debates, de dramatização, de dinâmicas de grupo, de questionários, o uso de desenhos, recortes e colagens, reprodução de filmes, músicas e cenas de novelas, estudo de livros de literatura, realização de pesquisas, análises de manchetes de revistas e jornais, entre outras.

Ao direcionar a ênfase da educação em sexualidade para além da abordagem exclusiva da Biologia, prática comum nas escolas, não implica em ignorar essa disciplina, conforme ressaltado por Louro (2014):

Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. (Louro, 2014, p. 18).

Segundo Duarte (2010) e Vieira e Matsukura (2017), há dois modelos principais usados pelos professores para abordar a sexualidade: um é o modelo biológico-centrado e preventivo, enquanto o outro é o modelo biopsicossocial. O primeiro modelo, o biológico-centrado e preventivo, está associado a um ensino voltado para prevenir IST e a gravidez não planejada, com enfoque na fisiologia e anatomia do sistema reprodutor e nos métodos contraceptivos (Duarte, 2010). Esse modelo é geralmente delineado na maior parte dos livros didáticos (Rosa, 2016; Borges; Casagrande, 2019; Silva; Silva, 2020), e tende a ser mais restritivo, pois foca principalmente nos aspectos biológicos, excluindo a consideração de outros aspectos, como os sociais, os psicológicos e os culturais (Vieira; Matsukura, 2017). O modelo biopsicossocial, por outro lado, é mais abrangente, pois além de contemplar as dimensões biológicas, também leva em consideração as questões subjetivas e socioculturais que estão em constantes evolução ao longo da história. Nesse modelo, o ensino se expande para incluir a abordagem de questões emocionais, mudanças psicológicas, medos e percepções culturais relacionadas à vivência da sexualidade (Vieira; Matsukura, 2017). Muitos professores optam pelo modelo biológico-centrado provavelmente porque o material didático e a sua formação privilegiarem esse modelo. No entanto, como pontuado anteriormente, focar apenas em aspectos biológicos pode acabar afastando os estudantes, tornando o tema menos envolvente e interessante.

Nesse contexto, a presente pesquisa se relaciona com o modelo biopsicossocial, haja vista que aspectos emocionais, sociais e culturais foram discutidos e viabilizados durante a sequência didática desenvolvida. Ademais, a nossa proposta buscar possibilitar que os estudantes sejam ativos e participantes na construção do conhecimento, como sugerido por Figueiró (2006), e incorpora as estratégias por ela mencionadas no planejamento das aulas.

METODOLOGIA

Contexto da pesquisa e coleta de dados

Este estudo, de natureza qualitativa (Flick, 2013; Minayo, 2002), foi desenvolvido em uma escola pública estadual localizada em Belo Horizonte/MG, durante os meses de setembro e outubro de 2022, nas aulas de Ciências de quatro turmas do 8º ano do ensino fundamental, abrangendo um total de 52 estudantes com idades médias de 13 a 14 anos. Para coleta de dados, nos pautamos na observação participante, na qual a pesquisadora e professora regente integravam o mesmo papel durante as relações face a face com os estudantes (Spradley, 1980). Durante o desenvolvimento da sequência didática, os registros da observação ocorreram por meio de anotações no caderno de campo e da gravação em áudio das aulas para assim guiar a posterior análise dos dados (Carvalho,

2006). As atividades geradas durante as aulas e a avaliação bimestral foram digitalizadas para compor o corpus de dados da pesquisa a ser analisado (Lüdke; André, 1986). Essa variedade de registros foi utilizada para ampliar as possibilidades analíticas.

A professora regente das turmas, que é a primeira autora deste artigo, é licenciada em Ciências Biológicas, possui três anos de experiência docente e tem prática anterior em trabalhar a educação em sexualidade com seus estudantes do Ensino Médio. A escolha da temática sexualidade foi motivada pelo grande interesse dos estudantes e pela necessidade de abordar um assunto que é frequentemente negligenciado nas escolas (Monteiro; Ribeiro, 2018) ou que, quando é abordado, recebe um enfoque apenas "biologizante", ignorando a complexidade que o envolve (Jardim; Brêtas, 2006; Madureira, 2007; Santos; Sandrini, 2019).

Destacamos que os dados dessa pesquisa se inserem em um projeto mais amplo, que recebeu aprovação do Conselho de Ética da instituição competente, prezando pelos princípios éticos da pesquisa com seres humanos. Informamos que, anterior ao início da pesquisa, os estudantes e seus responsáveis foram devidamente esclarecidos e expressaram seu aceite em participar do estudo por meio da assinatura dos termos de assentimento e de consentimento, respectivamente. Por fim, para garantir o anonimato dos estudantes, seus nomes foram substituídos por pseudônimos.

Sequência didática

A sequência didática¹ se fundamentou nos referenciais da educação em sexualidade, especialmente Figueiró (2006) e no modelo biopsicossocial com o intuito de abordar aspectos que vão além do biológico (Vieira; Matsukura, 2017), mas não descartando-o durante as aulas. Estimulamos os estudantes a desempenharem um papel ativo e protagonista no processo de construção do aprendizado, visando contribuir com sua formação. Durante as aulas, adotamos diversas metodologias com esse intuito, como o *brainstorming* ("tempestade de ideias"), atividades guiadas e dramatização, como sugerido por Figueiró (2006).

Como descrito por Figueiró (2009), as aulas sobre o tema da sexualidade devem estar abertas a constantes modificações, de acordo com as percepções e interesses dos estudantes. Com esse propósito, aplicamos um questionário online² aos estudantes, adaptado dos trabalhos de Abreu (2010) e Nemcic *et al.* (2005), para orientar a elaboração da sequência didática. Essa atividade ocorreu no mês anterior ao início do projeto, com intuito de direcionar as modificações necessárias nas aulas planejadas. Além disso, ao longo do desenvolvimento, foram realizadas outras alterações para atender às demandas específicas das turmas. Na sequência, apresentamos a sequência didática completa, composta por 14 aulas de 50 min cada.

Na primeira aula, foi abordado o conceito de sexualidade, explorando sua diversidade de sentidos e significados e analisando os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema. A professora, com o uso da lousa, elaborou uma chuva de ideias sobre o que os estudantes compreendem por sexualidade, possibilitando desenvolver a abrangência do termo. Além disso, foi introduzida a 'caixa de perguntas', uma ferramenta disposta nas dependências da escola para que os estudantes pudessem fazer perguntas anônimas, caso se sentissem constrangidos de fazê-las durante as aulas. Na segunda aula, o foco continua na compreensão do conceito de sexualidade e suas múltiplas dimensões, discutindo, também, questões relacionadas à diversidade e à homofobia. Os estudantes assistiram ao vídeo "Sexualidade: sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero"³, seguido por uma discussão sobre os termos sexo biológico, gênero e orientação sexual.

¹ A sequência didática pode ser consultada na íntegra por meio do link <https://drive.google.com/file/d/1EQ2KLs7C4Jh1367nVkxpex-09E-XIjXf/view?usp=sharing>.

² O formulário completo poderá ser acessado por meio do link <https://forms.gle/sKcxnCPNUzNmQ6998..>

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>.

Ao final dessa aula, a sigla LGBTQIA+ foi debatida, esclarecendo a que se refere cada letra que a compõe.

Na terceira aula, retomou-se as discussões sobre a diversidade sexual e homofobia, analisando dados sobre a criminalidade contra a população LGBTQIA+. A abordagem desses temas foi facilitada pela música 'Indestrutível' da cantora Pablo Vittar. Organizados em grupos, os estudantes discutiram sobre a diversidade sexual e a violência enfrentada pela comunidade LGBTQIA+, buscando estabelecer conexões com a cultura, história e preconceitos existentes. Na quarta e quinta aula, foram desenvolvidas atividades de dramatização relacionadas à sexualidade, nomeadas de jogos teatrais. Como sugere Figueiró (2009), essas atividades proporcionam aos estudantes uma imersão em situações fictícias baseadas na realidade, podendo promover o desenvolvimento de empatia a partir da troca de papéis. Para tal, os estudantes foram organizados em grupos e os temas a serem representados foram sorteados. A partir do tema recebido, cada grupo teve que elaborar um roteiro e apresentar uma improvisação teatral para a turma. Os temas foram os seguintes: (i) prevenindo gravidez indesejada na adolescência; (ii) diversidade sexual; (iii) proibição do aborto; (iv) mudanças no corpo na adolescência; (v) importância da visita ao ginecologista, e (vi) prevenindo Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Na sexta e sétima aula, ocorreram as dramatizações elaboradas pelos estudantes, seguida por discussões sobre situações que decorrem desses temas. Na oitava aula, foi abordado o tema do aborto no contexto brasileiro em contraste com outros países, a fim de entender as diferenças existentes na legislação de cada país em relação ao aborto. Em grupos, os estudantes realizaram uma atividade discutindo os prós e contras do aborto e as divergências entre os países quanto à sua legalidade. Como recurso desencadeador da discussão, utilizamos a música 'Feticídio' de Mc Garden.

Na nona aula, exploramos os métodos contraceptivos e menstruação. Os estudantes foram divididos em grupos e receberam alguns materiais para analisar, identificando do que se tratavam e como funcionavam. Na sequência, deveriam apresentá-los para o restante da turma. Os materiais incluíam itens como anticoncepcionais, pílulas do dia seguinte, testes de gravidez, absorventes descartáveis e reutilizáveis, calcinhas menstruais, absorventes internos (OB), preservativos feminino e masculino, e diafragmas. Na décima aula, foi proposta uma discussão sobre as dúvidas relacionadas à sexualidade. Uma estratégia utilizada com resultados positivos é o uso de jogos. O jogo proposto⁴, de autoria própria, demanda que a sala seja dividida em equipes com um representante para escolher cartas. Se acertarem a questão presente na carta sorteada, a equipe joga o dado e avança no caminho desenhado no quadro. Se errarem, permanecem na mesma posição. As perguntas do jogo abordam mitos e verdades sobre assuntos relacionados à sexualidade, sendo interessante para discutir o senso comum divulgado pela mídia.

Na décima primeira aula, o objetivo foi abordar o aborto no contexto brasileiro e discutir as mudanças na percepção do aborto em dois contextos nacionais. Para isso, alguns pontos da oitava aula foram retomados e os estudantes receberam suas notícias sobre casos emblemáticos de aborto no Brasil, para discutir a percepção popular sobre o assunto. Para mobilizar a discussão, a atividade foi realizada em grupo. Na décima segunda aula, de posse das fotos que os estudantes trouxeram de quando eram pequenos e fotos atuais, descrevemos as mudanças ocorridas em seus corpos, categorizando-as em mudanças da adolescência, da infância e da velhice. Os estudantes, em grupos, discutiram sobre as mudanças que aconteceram desde a infância até o presente, respondendo às seguintes perguntas: como era nosso corpo? Como é agora? O que ainda irá se alterar? A proposta era que percebessem as mudanças não só no corpo, mas também as mudanças emocionais ocorridas.

⁴ O jogo completo pode ser acessado pelo <https://drive.google.com/file/d/1BjYe9xUth1dl6yhNrHszBhk-8TBhK9vV/view?usp=sharing>.

Na décima terceira e décima quarta aula, os estudantes responderam a um questionário⁵ contendo sete questões discursivas sobre temas que envolvem a menstruação, a fecundação e a gravidez. As correções foram devolvidas por e-mail e discutidas em sala de aula, finalizando a sequência didática. Após a décima quarta aula, conforme planejamento escolar, os estudantes realizaram a prova bimestral, que incluiu questões sobre sexualidade, aproveitando o contexto da pesquisa. Isso permitiu que a prova se tornasse um instrumento de coleta de dados e fosse incorporada aos materiais para a análise. Na sequência, Quadro 1, apresentamos uma sistematização com as principais atividades e temáticas desenvolvidas nessa sequência didática.

Quadro 1: Sistematização das aulas da sequência didática

AULA	ATIVIDADE	TEMA E ATIVIDADE
1	Chuva de ideias	O que é sexualidade?
2	Análise de vídeo	Sexo, gênero e orientação sexual, diversidade e homofobia
3	Análise de música	Diversidade x crime contra LGBTQIA+
4 e 5	Jogos teatrais	Aspectos gerais da sexualidade
6 e 7	Jogos teatrais	Aspectos gerais da sexualidade
8	Análise de música	Aborto: dados do Brasil e do mundo
9	Análise de materiais	Métodos contraceptivos e menstruação
10	Jogo	Mitos e verdades sobre sexualidade
11	Análise de reportagens	Aborto
12	Análise de fotografia	Como é o nosso corpo? Que mudanças aconteceram? Quais ainda vão acontecer?
13 e 14	Questionário	Intimidade: Como o corpo funciona?

Fonte: Elaborado pelos autores.

Metodologia analítica

Após a conclusão da sequência didática, realizamos uma avaliação das aulas, examinando as notas registradas no caderno de campo e os materiais produzidos pelos estudantes. Essa análise inicial serviu como orientação para direcionar o curso da pesquisa, selecionando as aulas com maior relevância para nossos interesses de estudo. Dentre o conjunto de atividades e aulas realizadas na sequência didática, optamos por dar enfoque à aula relacionada à chuva de ideias sobre sexualidade (Aula 1) para responder à nossa primeira questão de pesquisa, relacionada às percepções iniciais dos estudantes sobre sexualidade. As discussões realizadas durante essa aula nos forneceram elementos significativos que nos possibilitaram maior acesso às percepções dos estudantes sobre a sexualidade.

Em termos analíticos, as palavras pontuadas pelos estudantes nessa aula foram organizadas em categorias amplas. Por exemplo, termos como 'sexo' e 'masturbação' foram classificados como pertencentes à categoria 'ato sexual'. As categorias adotadas, que emergiram dos dados, foram: ato sexual; fisiologia; comércio erótico; relacionamento; aborto; orientação; gênero; religião; métodos contraceptivos, identidade e sentimento. Após essa categorização, utilizamos o software Gephi para organizar os dados em grafos para facilitar a visualização. É importante destacar que a proporção de ocorrência das falas dos estudantes em cada categoria é equivalente ao tamanho das letras e dos nós nos grafos. Os dados categorizados foram transformados em redes ou grafos, como exemplificado na Figura 1. Em termos de conceituação, os grafos são uma forma matemática de representar redes de dados, compostos por dois conjuntos representados: os vértices ou nós que são conectados pelas arestas (Jurkiewicz, 2009).

⁵ O questionário pode ser acessado na íntegra através do link <https://forms.gle/sRvcvEHVwnREiEx9>

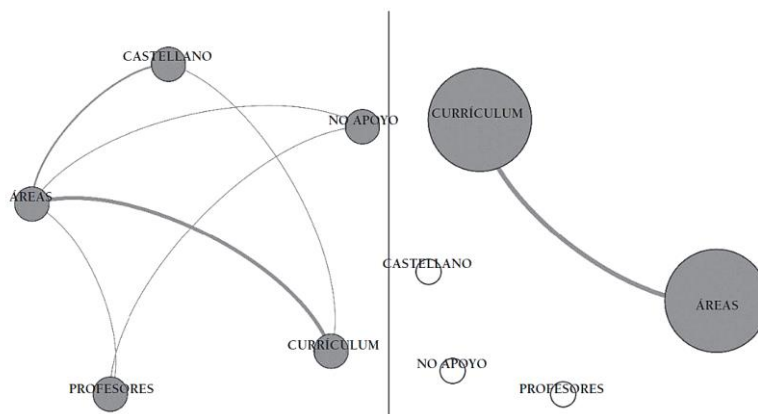


Figura 1: Exemplo de grafo.

Fonte: Durán-Martínez, Martín-Pastor e Martínez-Abad (2020).

Para responder nossa segunda questão de pesquisa, voltada para a compreensão das oportunidades de aprendizagem proporcionadas aos estudantes, no que se refere à educação em sexualidade, identificamos os eventos em que estudantes eram posicionados para mobilizar conhecimentos relacionados ao tema. Partimos de uma concepção de oportunidades de aprendizagem como “eventos sociais em que as pessoas estão posicionadas para adotar e assumir um conjunto de práticas sociais e culturais associadas a domínios acadêmicos” (Rex, 2006, p. 165). Nesse sentido, uma oportunidade de aprendizagem se trata de um evento no qual os participantes – *professora e estudantes* – interagem, adotando práticas relacionadas a conhecimentos mais amplos sobre sexualidade. Mais amplos, nesse caso, se referem a outros aspectos da sexualidade para além dos aspectos biológicos. Mapeamos as aulas a fim de identificar situações em que outros conhecimentos eram mobilizados (e.g. questões de gênero, aspectos culturais, crenças). Organizamos esses eventos em situações nas quais as oportunidades de aprendizagem estavam relacionadas aos seguintes aspectos: (i) autodescobrimento; (ii) compreensão e respeito ao outro; (iii) busca ativa de conhecimento, e (iv) reconhecimento de comportamentos inadequados e mudança na postura.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As discussões relacionadas à atividade ‘chuva de ideias’ (Aula 1) sobre sexualidade foram organizadas em grafos e nos dão evidências sobre as percepções iniciais dos estudantes acerca do tema. A percepção dos estudantes sobre sexualidade integrou elementos biológicos, psicológicos, sociais e culturais discutidos (Vieira; Matsukura, 2017), formando uma ampla rede de conexão. Todavia, apesar de haver diferentes aspectos representados nessas percepções, elementos biológicos vinculados à sexualidade foram predominantes em relação a questões sociais e culturais. Organizamos cinco figuras com tais resultados: as quatro primeiras representando os dados de cada turma; e a quinta, consolidando os dados de todas as turmas em conjunto.

Na Figura 2, observamos que a compreensão da turma 1 sobre sexualidade se concentra principalmente na fisiologia, embora outros aspectos relevantes do tema também tenham sido abordados, porém com menos ênfase em comparação com os aspectos relacionados ao funcionamento do corpo. Na análise da percepção da sexualidade na turma 2, conforme representado na Figura 3, as falas dos estudantes privilegiaram o ato sexual como principal compreensão acerca da sexualidade, seguido dos métodos contraceptivos, evidenciando um entendimento centrado tanto na própria atividade sexual quanto nas medidas preventivas para se evitar a gravidez.

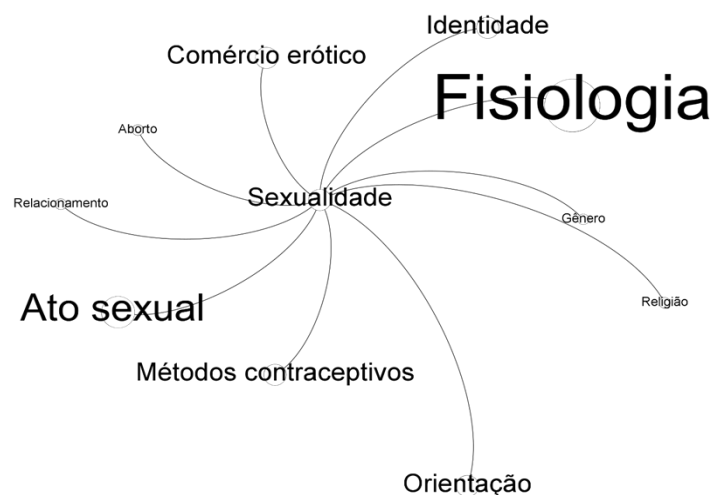


Figura 2: Grafo de compreensão de sexualidade da turma 1
Fonte: Elaborado pelos autores.



Figura 3: Grafo de compreensão de sexualidade da turma 2
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Figura 4, podemos observar como a discussão da turma 3 abordou diversos elementos, destacando o ato sexual, a fisiologia, os métodos contraceptivos e os relacionamentos. Nesta turma, houve uma compreensão mais abrangente em relação ao tema, contudo, assim como nas outras turmas, o foco principal recaiu sobre os aspectos biológicos.



Figura 4: Grafo de compreensão de sexualidade da turma 3
Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme representado na Figura 5, podemos observar que a turma 4 concentrou suas discussões sobre o tema do comércio erótico. Enquanto nas outras turmas o ato sexual foi o destaque principal, nesta turma ele recebeu menos ênfase. O interesse dessa turma nos produtos eróticos relacionados à atividade sexual diferiu das outras, revelando uma compreensão mais distinta que incluiu aspectos culturais e sociais na discussão em sala de aula.

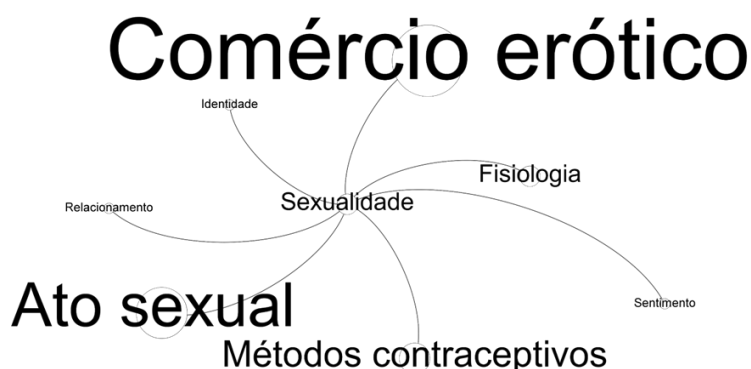


Figura 5: Grafo de compreensão de sexualidade da turma 4
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Figura 6, consolidamos os dados obtidos nas quatro turmas em um mesmo grafo. Com isso, percebemos que o tema ato sexual emerge como o mais proeminente no contexto geral, seguido pelos tópicos relacionados à fisiologia, ao comércio erótico e aos métodos contraceptivos. Percebemos com esse grafo que as quatro turmas destacam aspectos biológicos ao abordar a compreensão da sexualidade, embora também evoquem brevemente alguns aspectos sociais, culturais e psicológicos durante as discussões, sem que esses tenham uma repercussão significativa nas interações discursivas.

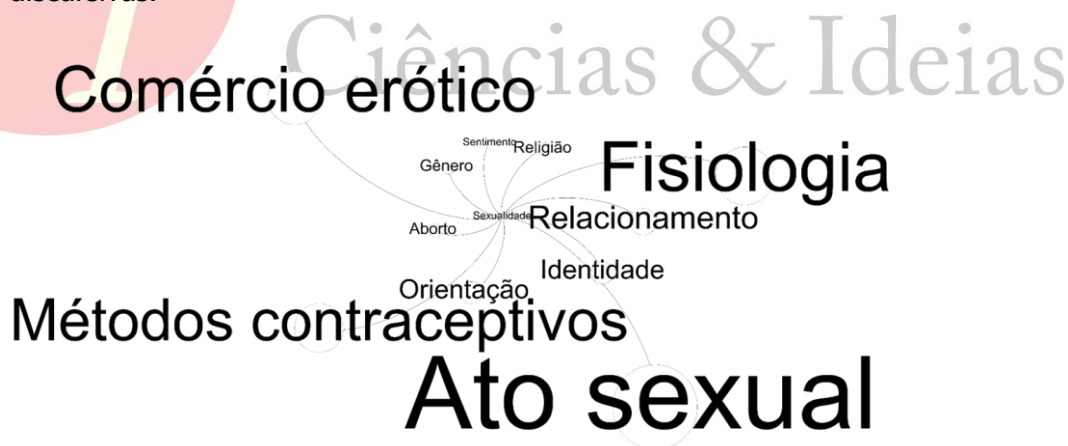


Figura 6: Grafo de compreensão de sexualidade das turmas
Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao analisarmos a Figura 7, que representa os dados obtidos com o questionário diagnóstico, notamos que a maioria dos estudantes não participou de nenhum debate e diálogo sobre sexualidade, ou participou na escola, o que pode explicar a prevalência das concepções biológicas-centradas. A avaliação da compreensão dos estudantes em sexualidade nos leva a reconhecer a necessidade de adotar o tema com uma abordagem mais ampla, que inclua aspectos psicológicos, sociais e culturais, conforme proposto pelo modelo biopsicossocial (Vieira; Matsukura, 2017).

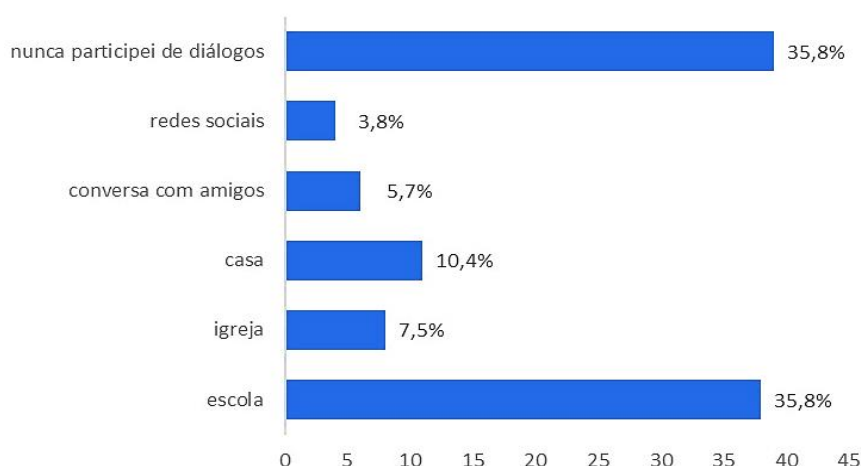


Figura 7: Participação dos estudantes em debates/diálogos sobre sexualidade

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito às oportunidades de aprendizagem, durante a análise das aulas da sequência didática, identificamos eventos proporcionados pela abordagem da educação em sexualidade baseada no modelo biopsicossocial (Quadro 2).

Quadro 2: Oportunidades de aprendizagem geradas pela sequência didática

OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM	EVENTOS	MOMENTO DA SEQUÊNCIA
1. Autodescobrimento	Aluna questionando sua sexualidade na caixa de perguntas.	Após a aula 1
	Aluna se reconhecendo no aluno trans que entrou na escola.	Após a aula 7
	Aluna percebendo que não se sentia satisfeita com o corpo com que nasceu.	Após a aula 9
2. Compreensão e respeito ao outro	Aluno Trans sendo bem recebido pelos alunos.	Anterior a aula 6
	Aluno questionando a colega que era não-binário sobre como deveria chamá-la.	Durante a aula 2
3. Busca ativa de conhecimento	Aluno pesquisando como são feitos os bebês em casa (<i>Dados de reunião com a mãe do estudante/caderno de campo</i>).	Reunião com os pais após a aula 2
	Alunos que geralmente não participam na aula perguntando e se envolvendo nas atividades.	Aulas 1, 2, 3, 6, 7, 8 e 10
	Alunas pediram para debater sobre o aborto e organizaram o debate sobre o tema.	Após a aula 8
	Alunos decidiram durante a aula testar os materiais referentes a menstruação.	Durante a aula 9
4.Reconhecimento de comportamentos inadequados e mudança de atitude	Estudantes conversando com colega sobre a resposta preconceituosa dele na prova.	Após a aula 9 e na correção da prova bimestral

Fonte: Elaborado pelos autores.

Durante a sequência didática, os estudantes puderam se avaliar, refletir e perceber suas identidades. Na dinâmica da caixa de perguntas, um estudante escreveu: "*eu acho que sou bi/ se eu gosto de meninas e meninos, mas não me acho bi, eu sou o que?*". Essa pergunta, depositada na caixa na aula inicial, propõe uma desconstrução e uma reflexão sobre a identidade do estudante. A partir da aula 1, chuva de ideias sobre o termo sexualidade, o estudante começa a se questionar

sobre sua sexualidade, o que provavelmente continua após a aula 2 com o assunto diversidade sexual. A caixa de perguntas só obteve esse questionamento. Inicialmente, o pouco uso da caixa foi atribuído à localização escolhida na biblioteca, mas, posteriormente, mesmo sendo colocada em um local mais visível, os estudantes não a utilizaram. Acreditamos que o baixo uso desse recurso se deve à relação estabelecida entre a professora regente/pesquisadora e os estudantes, que se sentiam à vontade para abordar diversos temas relacionados à sexualidade diretamente, sem a necessidade de se fazer perguntas anonimamente.

Outro exemplo de autodescobrimento aconteceu com a chegada de um aluno trans em uma das turmas, uma estudante disse animada: *"Ele é igual a mim!"*, demonstrando sua satisfação de saber que agora ela não era única e conseguiu se entender melhor. A mesma estudante deixou por escrito no verso da prova bimestral como se sentia sobre seu corpo, como estava insatisfeita por ter nascido com o corpo feminino. Ela conseguiu se entender e se expor com os seguintes dizeres: *"Pegue meus olhos. Pegue meu coração. Meus braços e pernas, ou o que sobra dele. Pegue minhas mãos. Só pegue-os. Pegue os pulmões, eles atrapalham. Pegue minha língua. Elas entenderão. Pegue meus joelhos. Pegue eles já e vá se divertir. Pegue eles e desapareça. Porque estou cansado deste corpo. Um corpo chato e pesado"*. Ela se sentia diferente por não se encontrar em seu corpo e ao final do poema que redigiu se assume como ele quando fala *"eu estou cansado deste corpo"*.

Além da percepção do 'eu', foi possível perceber a avaliação do 'outro' e de como este gosta de ser tratado. Os dados nos fornecem indícios de que o respeito ao outro e ao diferente foi incorporado na vivência de muitos estudantes, possibilitando que as aulas acontecessem com mais naturalidade e fluidez. A reflexão sobre as atitudes que podem ou não ser aceitas teve resultados positivos na postura e no respeito coletivo. Durante as aulas de apresentação do teatro, um aluno trans chegou a uma das turmas e ele foi bem aceito e inserido em um grupo para participar da atividade. Não houve comentários sobre sua identidade de gênero e ele assumiu o papel de um personagem masculino na encenação teatral. Outro exemplo desse tipo de aprendizagem foi o estudante que perguntou ao colega não-binário como gostaria de ser chamado e este respondeu que *"pelo nome mesmo"*. Nesta conversa, podemos perceber a curiosidade e o respeito entre os colegas da turma.

Tanto as relações com a percepção sobre o "eu" quanto as percepções sobre o "outro" nos deram evidências das implicações de um trabalho pedagógico pautado no modelo biopsicossocial da Educação em Sexualidade. A abertura proporcionada pela estratégia da caixa de perguntas e a forma de mediar as interações pela professora gerou um ambiente mais seguro para que uma aluna perguntasse sobre sua própria sexualidade na caixa de perguntas e o autorreconhecimento como pessoa trans. Essa maior segurança também se refletiu em ações de respeito e acolhida, como o evento em que o colega trans era bem recebido pelos alunos e a questão sobre como chamar o colega não-binário. A sequência propiciou um papel de protagonismo nos estudantes, já que participaram ativamente das aulas, se envolveram com muito interesse nas discussões e trouxeram curiosidades e dúvidas diversificadas ao longo das aulas, especialmente nas aulas 1 e 2 que abordaram o conceito de sexualidade e a diversidade sexual. Os momentos das aulas variaram de acordo com o interesse e participação de cada turma, exigindo ajustes com base nas demandas dos estudantes, conforme recomendado por Figueiró (2006).

A busca de conhecimento ativo é uma categoria analítica que também reflete implicações da abordagem biopsicossocial utilizada ao longo da sequência. Se refere a eventos nos quais os estudantes se posicionaram ativamente nas discussões a fim de entender temas relacionadas à sexualidade, quando se referiam a um aprofundamento de aspectos biológicos. Uma dessas oportunidades ocorreu durante a reunião com a mãe de um estudante. Essa reunião fazia parte do cronograma escolar, cujo propósito era informar aos responsáveis sobre o desenvolvimento dos seus filhos. A mãe comentou que o filho estava tentando descobrir 'de onde os bebês vinham', o que

mostra que as aulas despertaram seu interesse por temas relacionados à sexualidade. Outra oportunidade de aprendizagem foi o empenho de duas alunas em fazer um debate sobre aborto. Elas estudaram o assunto e expuseram argumentos a favor e contra, contextualizando na realidade brasileira. Isso demonstrou o comprometimento e o empenho delas em um tema que as interessava, já que a iniciativa partiu delas. A maioria dos estudantes se envolveu no debate, mas ficou evidente um interesse maior por parte das meninas sobre a temática.

Por fim, identificamos uma quarta categoria de oportunidade de aprendizagem, profundamente vinculada ao modelo biopsicossocial da Educação em Sexualidade, pois se referia à capacidade de mudança de posicionamento dos estudantes, mediante comportamentos preconceituosos acerca da sexualidade. Observamos o reconhecimento de comportamentos inadequados e uma mudança na postura, como no caso de um estudante que demonstrou preconceito ao responder uma questão da prova bimestral. Essa questão, ao apresentar um gráfico com índices do assassinato da população LGBTQIA+ no Brasil, indagava os estudantes qual seria o principal motivo desse crime e o que poderia ser feito para que tais mortes fossem evitadas.

O estudante em questão inicialmente respondeu: *"Não acho que deveria evitar não, ser gay é mó [sic] coisa de viado. Para esses viadinhos pararem de morrer eles têm que respeitar mais as pessoas. O motivo dos assassinatos é porque os lgbt não respeitam outras religiões e nem os héteros"*. Ao receber a prova, o estudante foi esclarecido sobre a gravidade das colocações e foi recomendado refazer a questão. Durante a reconstrução de sua resposta dois colegas se aproximaram, leram a sua resposta e o advertiram que tinha feito algo inadequado, que configurava preconceito e crime. Segue a nova resposta do estudante: *"O principal motivo é o preconceito e o fato das pessoas serem contra e não aceitarem a sexualização. O que poderia ser feito para acabar com as mortes era se o preconceito acabasse. Muitos mortos apareceriam ser respeitados e evitarem"*. Ressaltamos, neste evento, a mudança de percepção e de abordagem após a interação com os colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, a análise de práticas pedagógicas relacionadas ao modelo biopsicossocial da Educação em Sexualidade forneceu evidências de maior participação dos estudantes, além do desenvolvimento de objetivos formativos centrais como maior segurança e confiança para que os estudantes pudessem se posicionar e desenvolver atitudes de maior respeito à diversidade. As aulas deram visibilidade a percepções e interesses dos estudantes, destacando seus papéis como protagonistas do processo educativo e reforçando a importância de abordar as suas dúvidas e inquietações sobre a temática. O engajamento dos estudantes nas discussões resultou em uma descentralização da atuação da docente, que atuava na mediação das discussões, visando explorar outros aspectos da sexualidade, além de elementos biológicos.

Com relação à nossa primeira questão de pesquisa – *quais as percepções iniciais dos estudantes sobre sexualidade nas turmas acompanhadas?* – foi possível identificar que essas percepções se orientavam, principalmente, por aspectos biológicos da sexualidade. Ao tentarem definir o seu entendimento do termo 'sexualidade', seus posicionamentos giravam em torno da atividade sexual em si. Salvo algumas exceções, em que abordaram temas subjacentes e mais amplos, como relacionamentos, identidade e orientação sexual, a ênfase recaía, majoritariamente, no ato sexual e na esfera biológica. Esses resultados reforçam a ideia de que o modelo predominante nas iniciativas de educação em sexualidade é o biológico-centrado, o que provavelmente reflete um aprendizado anterior dos estudantes na escola, bem como seus repertórios construídos ao longo da vida. Essa ênfase no ato sexual corrobora o que é apontado pela literatura (Soares *et al.*, 2008; Melo; Franco, 2022).

Com relação à nossa segunda questão de pesquisa – *que oportunidades de aprendizagem*

foram geradas a partir de atividades baseadas em um enfoque biopsicossocial da Educação em Sexualidade? – identificamos eventos em que os estudantes se posicionaram a fim de se aprofundar no reconhecimento do próprio “eu”, assumiram posturas de compreensão e respeito ao outro; buscaram ativamente por conhecimentos acerca de tema relacionados à sexualidade, além de reconhecerem comportamentos considerados discriminatórios e mudarem suas posições. O modelo biopsicossocial possibilitou a abordagem do tema de forma mais abrangente, gerando uma variedade de oportunidades de aprendizagem, desde a exploração de questões sociais e emocionais até a discussão de temas culturais relacionados à sexualidade. Como resultado disso, destacamos o autodescobrimento de alguns estudantes em termos de sua identidade de gênero e orientação sexual, bem como a postura ativa de outros na busca pelo aprofundamento de seus conhecimentos sobre temáticas atreladas à sexualidade, como a prática do aborto no contexto brasileiro e a reprodução humana.

Os resultados obtidos neste estudo reforçam a sugestão de adotar abordagens pedagógicas baseadas no modelo biopsicossocial (Vieira; Matsukura, 2017) para o desenvolvimento da educação em sexualidade nas escolas. Isso se deve ao fato de que, ao proporcionar uma compreensão holística e contextualizada da sexualidade, podemos ajudar os estudantes a entender a complexidade da sexualidade humana e a se tornarem capazes de tomar decisões conscientes sobre seu bem-estar e saúde sexual. Nessa direção, acreditamos que uma população esclarecida sobre essa temática poderá fomentar espaços de diálogo rumo a comportamentos menos discriminatórios, por exemplo, contra pessoas da comunidade LGBTQIA+. Um exemplo disso é o evento de aprendizagem em que alguns estudantes alertaram um colega sobre seu comportamento e falas com conotação homofóbica. Por outro lado, durante as aulas, presenciamos o acolhimento a um estudante trans, demonstrando empatia e o alcance da habilidade de promover a inclusão e combate ao preconceito relacionado às dimensões da sexualidade humana, conforme previsto no Currículo Referência de Minas Gerais, especificamente nas habilidades para a disciplina de Ciências (Minas Gerais, 2019).

Quando se trata da educação em sexualidade nas escolas, é comum que esteja associada ao modelo biológico, com enfoque nos aspectos fisiológicos da reprodução humana ou IST's. Em geral, tais aulas ficam a cargo do professor de Ciências e/ou Biologia e concentradas nos anos finais do Ensino Fundamental. O caso que acompanhamos neste estudo contém algumas similaridades com esse contexto predominante. As aulas foram ministradas dentro do módulo de Sistema Reprodutor pela professora regente de Ciências das turmas. Todavia, a professora fundamentou as aulas que compuseram a sequência didática na perspectiva biopsicossocial, que engloba os aspectos sociais, emocionais e culturais da sexualidade (Vieira; Matsukura, 2017).

Nesse sentido, nossos resultados não buscam reforçar o pressuposto de que a abordagem da sexualidade deve ocorrer nos anos finais do Ensino Fundamental ou de que o(a) principal responsável por essa discussão é o(a) professor(a) de Ciências. A proposta foi trabalhar com dados da realidade da maioria das escolas brasileiras e oferecer alternativas viáveis àquilo que ocorre em tais contextos. Ao abordar a educação em sexualidade na perspectiva biopsicossocial, a professora que acompanhamos buscou viabilizar um processo formativo conectado à realidade e fomentar a participação dos estudantes, tornando-os protagonistas do processo de aprendizagem.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio na realização desta pesquisa. Também agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), por meio do convênio nº 5.43/2021, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento 001, pelos auxílios concedidos ao segundo autor deste estudo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jordão Filipe dos Ramos. **O conhecimento e a atitude face à saúde sexual e reprodutiva: um estudo correlacional em estudantes universitários**. 2010. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1249>. Acesso em: 9 dez. 2022.

BORGES, Fabiane Rodrigues; CASAGRANDE, Rosana de Castro. Sexualidade nos livros didáticos do 8o ano do Ensino Fundamental. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia**, v. 14, n. 1, p. 80–92, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 12 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco legal**: Saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Mudanças: a corporalidade na adolescência**. 2003. 254 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Enfermagem, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/d92ea019-ed4c-490a-a025-30a96c628ef0/content>. Acesso em: 05 set. 2022.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa. Uma metodologia para estudar os processos de ensino e aprendizagem na sala de aula. In: SANTOS, Flávia Maria Teixeira dos; GRECA, Ileana María (Org.). **A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias**. Unijuí, RS: Editora Unijuí, 2006. p. 13–41.

COSTA, Mariana Aparecida; RABELO, Natália Silva; MORAES, Isabela Cristina Martins; SIQUEIRA, Fernando Carvalho de Macedo; CABRAL, Elen Soraia Menezes. Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 4, n. 1, p. 123–132, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/10216/pdf>. Acesso em: 9 dez. 2022.

DUARTE, Pedro Miguel Seabra. **Educação da sexualidade: modelos e representações de professores**. 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação: Formação Pessoal e Social) – Universidade de Aveiro, Departamento de Educação, Aveiro, 2010. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/3598>. Acesso em: 17 set. 2022.

DURÁN-MARTÍNEZ, Ramiro; MARTÍN-PASTORY, Elena; MARTÍNEZ-ABAD, Fernando. ¿Es inclusiva la enseñanza bilingüe? análisis de la presencia y apoyos en los alumnos con necesidades específicas de apoyo educativo. **Bordón Revista de Pedagogía**, v. 72, n. 2, p. 65–82, 2020. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/BORDON/article/view/71484/50816>. Acesso em: 16 nov. 2022.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, v. 7, n. 1, 2006. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>. Acesso em: 1 out. 2022.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2, p. 157–162, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tdq9jV3qsnmwPmM75Z4ttwP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2022.

JURKIEWICZ, Samuel. **Grafos: uma Introdução**. 2009, São Paulo: OBMEP, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática**. 2007. 429 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2007. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf. Acesso em: 06 fev. 2023.

MELO, Sâmia Tavares Costa de Melo; FRANCO, Luiz Gustavo. Educação em sexualidade na adolescência: uma análise de rodas de conversa em turmas do 8º ano do Ensino Fundamental. **Experiências em Ensino de Ciências (UFRGS)**, v. 17, p. 187, 2022.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais: educação infantil e ensino fundamental**. Minas Gerais: SEE/MG, 2019. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 1, p. 205–217, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/BJ3BDnLmv6mdcKGvgtyGSWt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2022.

MONTEIRO, Solange Aparecida De Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A “In”visibilidade dos temas da sexualidade no ambiente escolar e a formação docente. **Revista Internacional de Formação de Professores**, n. 4, p. 87–110, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/download/361/150>. Acesso em: 6 fev. 2023.

MOREIRA, Betina Loitzenbauer da Rocha; ROCHA, João Batista Teixeira da; PUNTEL, Robson Luiz; FOLMER, Vanderlei. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência

a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, p. 64–83, 2011. Disponível em: http://reec.webs.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf. Acesso em: 5 fev. 2023.

NEMCIC, Nina; NOVAK, Sandra; MARIC, Lana; NOVOSEL, Ivana; KRONJA, Ozren; HREN, Darko; MARUSIC, Ana; MARUSIC, Matko. Development and Validation of Questionnaire Measuring Attitudes towards Sexual Health among University Students. **Croatian Medical Journal**, v. 46, n. 1, p. 52–57, 2005. Disponível em: <http://neuron.mefst.hr/docs/CMJ/issues/2005/46/1/15726676.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2022.

QUEIROZ, Vanessa dos Reis; ALMEIDA, Janie Maria de. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 209–214, 29 jan. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/31788>. Acesso em: 12 set. 2022.

ROSA, Ana Cristina. **Sexualidade, gênero e diversidade no livro didático de Ciências: um estudo a partir do material adotado pela rede municipal de ensino de Uberaba, MG**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniube.br/handle/123456789/1061>. Acesso em: 11 fev. 2023.

SANTANA, Jean Costa. **Escola e sexualidade**. Curso de especialização em Gênero e Diversidade na escola, EAD - Polo Alexânia, 2014. 1–6 f. Universidade Federal de Goiás, Anápolis-GO, 2014.

SANTOS, Ellis Regina Ferreira dos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. Sexualidade na Escola: do Entendimento dos/as Professores/as à Prática em Sala de Aula. **Revista Artémis**, v. 8, p. 41–56, 2008. Disponível em: https://media.proquest.com/media/hms/PFT/1/T9mtG?_s=TezifrRRJZDq%2B0DcnRGY8agHqbM%3D. Acesso em: 12 set. 2022.

SANTOS, Samuel Brigido dos; SANDRINI, Nádia Maria Soares. **O acompanhamento da família na vida escolar das crianças do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública municipal do município de Laguna/SC**. 2019. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/b5faf08b-e47a-46be-a904-e45002c8a248>. Acesso em: 17 set. 2022.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227–234, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2022.

SILVA, Clemilson Cavalcanti da; SILVA, José Antonio Novaes da. Abordagens conceituais sobre sexualidade, parentalidade e IST/AIDS em livros didáticos de Ciências Naturais. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 7, n. 2, p. 480–508, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/3326/2530>. Acesso em: 17 out. 2022.

NERY, Inez Sampaio; FEITOSA, Jairo José de Moura; SOUSA, Álvaro Francisco Lopes de; FERNANDES, Ana Catharina Nunes. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287–292, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ape/a/9mgxX6s5dDcKSgybqQmfB8p/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 fev. 2023.

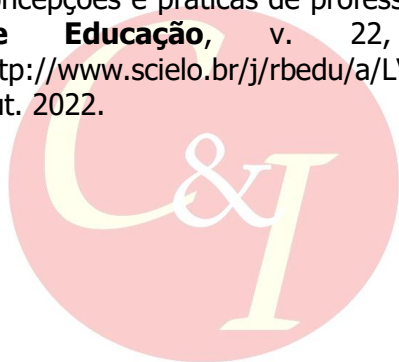
REX, Lesley. A. Introduction. *In*: REX, Lesley (Ed.) **Discourse of opportunity: How talk in learning situations creates and constrains**. Cresskill: Hampton Press Inc., 2006. p. 1-35.

SPRADLEY, J.P. **Participant Observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

SOARES, Sônia Maria; AMARAL, Marta Araújo; SILVA, Líliam Barbosa; SILVA, Patrícia Aparecida Barbosa. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 485-491, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ean/a/BdF7DGJhGrZVttvGhTfYRvj/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 12 set. 2022.

VARGAS-TRUJILLO, Elvia. **Sexualidad... mucho más que sexo: una guía para mantener una sexualidad saludable**. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales, Departamento de Psicología, Ediciones Uniandes, 2007.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 453-474, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbedu/a/LVjDxGRKtkZTwX4kSNzmQ8v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2022.



Revista
Ciências & Ideias